

DESENHOS DOENTES PROJETO INDÚSTRIA: DIÁRIO GRÁFICO EM VIAGEM

Vera Lucia Didonet Thomaz / Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO

Apresenta-se o processo de construção da oficina *Projeto indústria: diário gráfico – desenho de observação em viagem* no programa *Artista do Acervo MON*. Tem como referencial a microexposição nucleada por meios imateriais, o gesto e a intenção, e materiais no verso de cartonagens, máscaras, rótulos, por interesse em coisas e objetos que chamaram atenção em quartos, banhos de hotéis, lugares de passagem, fontes virtuais de imagens reais. Nessa coleção, quatro desenhos em máscaras da *Margarida* e do *Pato Donald*, em dois dos inúmeros rótulos obtidos junto à histórica Imprensa Paranaense, 1984, mostram sinais de sofrimento porque não foram revelados por longo tempo e serão sacrificados se não for possível evitar a contaminação sobre outras obras. A recriação foi expandida para a gravura na superfície de balões, cilindros em madeira, litografia sobre folha-de-flandres na rota de produção brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

desenhos doentes; indústria; diário gráfico; viagem.

ABSTRACT

The process of construction of the workshop *Industry project: graphic diary – drawing of observation while on a trip* in the *MON Artist's collection* program. It references micro exhibitions based on intangible means, the gesture and the intention, as well as materials on the back of cardboards, masks, labels, for the interest in things and objects that called attention while in rooms, hotel baths, passageways, virtual sources of real images. In this collection, four drawings in masks of *Daisy* and *Donald Duck*, in two of the countless labels obtained from the historical Paranaense Press, 1984, show signs of distress because they have not been revealed for a long time and will be sacrificed, may there not be a way to avoid the contamination of other works. The rebuilding has been expanded to the engraving on the surface of balloons, wooden cylinders, lithography on the tinplate on the Brazilian production route.

KEYWORDS

ailing drawings; industry; graphic diary; trip.

Introdução

É importante que o diálogo não deixe de ser audível na bigue sala porque o nome da oficina *Projeto Indústria: diário gráfico – desenho de observação em viagem*¹, como uma manifestação da vida na arte, está composto por palavras que descrevem um processo de construção articulada, do que é possível, pode acontecer, em seis giros no lugar da experiência medida pelo relógio. O mobiliário *clean* – isso significa o essencial –, com elementos de interesse no design de mesas e cadeiras, de frente para o *Pátio das esculturas*, onde a solidez dos tridimensionais guarda desenhos insinuantes, contornos que podem ser tocados, respondendo bem, se volver para os lados dos atrativos assuntos inventados pelos artistas¹. Mais do que suficiente, o contraste deve servir como fonte de pesquisa rápida com espírito para tais qualidades de sentido, conteúdo, técnica detalhada, que informam o observador para o que está acontecendo em tudo que está aí com o observado.

Para dar conta da instalação da microexposição² em parede&vitrine, na bigue sala, como estrutura do pensamento visual, nucleada por meios imateriais, o gesto e a intenção, e materiais no verso de cartonagens, máscaras, rótulos, por interesse em coisas inteiras e objetos naturais e artificiais que chamaram atenção, por mim percebidos com intensidade, deixando impressão forte de quartos onde peguei e caí no sono, banhos de hotéis por onde me hospedei, lugares de passagens largas e estreitas, fontes virtuais de imagens da força da realidade que relata as melhores e as piores novidades encontradas, as quais pareciam ser o que eram, mas algumas se perderam. O contato entre tais fatores se oferece como referencial de motivos para alcançar conhecimento, aguçar ideias, raciocinar em contextos próprios para estudar bem, saber de todas as coisas, ser da competência de outras, qualquer pessoa pode pecar um pouco com olho-olhar no extraordinário e cada vez menos bizarro, sobre as coisas do mundo difíceis de acreditar, isso não pode estar numa lista de pecados e contenta mais que se pode narrar.

O percurso do inventário do *Projeto indústria: diário gráfico – desenho de observação em viagem* banca uma economia numerada num plano diferente de existência, em nove caixas contendo desenhos singulares que fiz acordada e não dormindo, no verso de cartonagens (sete peças, 1983-86), máscaras, (duas peças,

1984), rótulos (13 peças, 1984-88), raros folhados de base em tiragens de zilhões. Direi como foram feitos, cada um com poucas linhas, passando ao *horror vacui* por meio da técnica sobre as coisas dadas por vistas, no trabalho de treinar a memória estimulada pelos diários de notáveis de viajantes como Benjamin em *Viagem à Moscou (Moskauer tagebuch)*, Hesse em *Viagem ao Oriente (Die morgenlandfahrt)*, Klee em *Viagem de estudos à Tunísia (Tagebücher)*. Embora nada tenha sido escrito nas mãos, não deixei escapar o que ficou retido no papel. Imagem, ganhar esta mina é o que esperei das viagens. Além do nanquim espremido pelas penas das canetas nos traços, *frottage* (fricção com grafite sobre o relevo existente), às vezes pincel, guache, que ondularam gramaturas, recortes, perfurações, costuras com agulhas e fio dental ou nylon em bastidores de serigrafia. As montagens, móveis por correntinhas, fixas por ganchos sobressalentes dos ilhoses, reforçam a relação com objetos reaproveitados na rota industrial brasileira.

A microexposição vai da produção de *insight* à conservação da concretização do *insight*. Nessa coleção existem quatro *Desenhos doentes*. Encobertos pela “sombra que passou por aqui”³, escaparam à revelação, dando sinais de um sofrimento pela fragilidade das máscaras da *Margarida* e do *Pato Donald*, em dois dos rótulos obtidos junto à histórica Imprensa Paranaense⁴, 1984. O tempo é feroz, essas serão obras sacrificadas se não for possível evitar a contaminação sobre outras. Como devolver as máscaras, os rótulos, de papéis restaurados? Um problema partilhado é redobrado, aumentando para o dobro do que era.

Para me vingar da desconfiança gerada por meus pedidos incomuns, pois parecia haver algo de suspeito em interpretar a principal instrução da coleta por meio de doações a receber material sem cola a mais. Enfrentei esse convívio problemático com um comportamento nada indiferente; se o pensamento ninguém rouba, uma coisa puxa a outra, é assim que acontece, aconteceu, escrevendo vingativas *Cenas poéticas*⁵ sobre a viva vivida, porque o sonho sonhado não vale nada:

I. Arreganhei a porta. Detive-a no meu peito. Apalpando a maçaneta fria e estriada vi um silencioso corredor, tabuado corredor. Nas minhas costas uma voz de homem falava em metafísica. Tic-tac, os ponteiros duros do relógio faziam seu rodízio desenvolvendo sombras de lanças. Para chegar era preciso passar por muitos verdes, ouvir um zumbido.

(Segunda-feira. Visita ao filósofo).

II. Foi pela caixa de papelão – aberta e sem cola – com a imagem do samurai, a espada alta a cortar o céu amarelo, que me apaixonei. Saltando para a vida, lançou fora a loura cabeça do esquivo ladrão. Meu herói oriental: vou para não voltar! As bonequinhas piscaram os olhos espetados atrás do balcão. Há meses que eu cruzava a viela, o tapete, em busca do lado de dentro. Quantos cheiros!

(Quinta-feira. Visita ao boticário).

III. Vi em seus olhos mentirosos. E sua boca balbuciava coisas que eu compreendia sem ouvir. O vento tirava o equilíbrio da janela que batia. Seus braços se mexiam, paralisando folhas de papel que ameaçavam voar. Ai! Era só fechar e dizer sim. Seguro minha seda, frufu com os dedos. Seguro a cor suja, puída, puxo um fio e arranco.

(Sexta-feira. Visita ao animador).

Desenho no verso de cartonagem



THOMAZ, D. *Diário gráfico (viagem a 'Brodóski')*, Brodowski, 1983, 22,3,1 x 16,8 cm
Desenho a nanquim, guache prata, no verso da cartonagem *Defumador Chave de Ouro*

Anotações, 6 set. 1987. Caderneta de capa preta, papel pautado, 9x6cm. Por volta das 8 horas, na Praça XV, pegamos a barca para o meio ambiente de Paquetá, a

principal ilha do arquipélago homônimo. De lá, outra barca nos trouxe até a Ilha de Pancaraíba. Entre Paquetá e Pancaraíba, vi o Palácio de Brocoió no fundo da Baía da Guanabara. Maré baixa, os patos voavam sobre as águas, balançando em grupos enfileirados. “É proibido aproximar-se”. Perguntei ao barqueiro, de quem era o lugar? Disse-me que a propriedade pertence ao governo, Leonel Brizola e a família desembarcavam do helicóptero para passar o final de semana. Que me fizesse chegar até lá na segunda-feira! Escrevo e os grilos grilam de modo indeterminado. O quarto 7 é rodeado por um jardim onde convivem o porquinho-da-índia e a galinha-d’angola, coelhos brancos e pretos, cotias, urubu-preto, lagartixa-de-parede, lagartos-verdes com gargantilhas pretas e rabos compridos, olham para a gente correndo pelas pedras, o que maravilha (Figura 3). Garças. Palmeiras. Descoberta pelo frei cosmógrafo André Thevet (1502–1590), integrante da expedição de Nicolas Durand de Villegagnon (1510–1571) à França Antártica, 1555–56. Em Paquetá ficamos horas da tarde. A construção colonial habitada por D. João VI (1767–1826), o Solar del’Rey, abriga a Biblioteca, de histórico tem mesa, cadeiras, uma de balanço, carruagens empoeiradas numa garagem fechada; banheiras atiradas num campo, uma em cacos; a planta do Solar com desenhos de coqueiros no perfil do terreno. Uma casa azulejada com motivo de amor-perfeito produz rotura. A pé pela Praia da *Moreninha*, afamada no romance de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), pela Praia José Bonifácio (1763–1838) e a sua casa reta com qualidade associativa, encontrei e apanhei de cima de um banco o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, de um deles recortei a notícia de uma feira de tecelagem e estamparias. O céu com o sol descendo, a embarcação demorou a atracar, esperamos que o barqueiro fosse comprar pão, outros passageiros. A maré subiu, o movimento ousado das águas dificultou a flutuação, fez ondas perto de nós, sentados na proa. Anoitecer frio.



THOMAZ, D. *Diário gráfico (viagem a Pancaraíba)*, 1986, 11,2 x 11,5 cm
 Desenho a nanquim no verso de cartonagem *Sabonete Lavanda Memphis*

Diário gráfico (viagem a Paquetá), 1986, 11,5 x 11,6 cm
Desenho a nanquim no verso de cartonagem Costa S.A. Sabonetes e Perfumarias

Diário gráfico (viagem a Brocoió), 1986, 11,5 x 11,6 cm
Desenho a nanquim no verso de cartonagem Costa S.A. Sabonetes e Perfumarias

Anotações em 7 set. 1987. Observei os bichos, exigindo a máxima atenção desenhei o pato com o bico para baixo, o pato com o bico para cima, o pato com as penas molhadas, com as penas de trás arrepiadas, a boca entreaberta; o galo com a cabeça virada e a crista abanando, o galo pensativo, o mais pensativo ainda, de galo-galinha, de galinha com as pernas juntas, angolas; porquinhos-da-índia, lagartos sobre pedras subindo e descendo, transformando-os em criaturas de papel. De tarde em Paquetá, passei por jardins históricos, composições arquitetônicas, em viragem pela *Árvore gorda*, baobá (*Adansonia digitata* – Família *Bombacaceae*), Maria Apolinária da Nação Cabinda, a Gorda na Praia dos Tamoios; pelo *Cemitério dos passarinhos*, aves de apego ideal do zelador do Cemitério, o artista Pedro Bruno (1888–1949). Num ninho de beija-flor descobri ovos do tamanho de pastilhas, menos do que antibióticos. Desenhei a argamassa *rocaille* na base do Mirante (fig. 3) no Parque Darke de Mattos ao final da Praia José Bonifácio.

Anotações em 9 set. 1987. Na beira da cama, por um momento ouvi ruídos de passos a partir de fora do contexto noturno, desconhecido. Peguei o agulheiro, tirei agulhas, fechei as partes da cortina de pano, pois a noite passava atrás da tela verde contra mosquitos e do vidro claríssimo, da janela. Talvez, algum criado pudesse estar espiando. Senti medo e continuei a fazer desenhos (fig. 3), ouvi batidas por uma falha da porta da rua, apreensiva, mas como o quarto do lado se manteve quieto, também fiquei. Apagar a luz, não sem antes tentar uns truques, acendendo, apagando até desaparecer de mim mesma no escuro antes que a energia fosse interrompida. Ficou um buraco. O dia amanheceu conduzindo para Paquetá. Bicicletas e charretes continuam sendo veículos permitidos. O tal historiador da cidade, não o encontramos para coexistir e acabei deixando para ele um cartão postal. Frustrante foi o retorno a Pancaraíba, até que o barqueiro se animou a passar por Brocoió – do tronco Tupi-Guarani, quer significar “sussurro”, “sussurrante”, para indicar os sinais de presença após a prisão de índios revoltosos levados à morte naquele território. A casa-projeto do arquiteto Joseph Gire (1872–

1933), inaugurada em 1932, estava suja e os empregados limpavam, porque umas 30 crianças passaram ali o final de semana. Sólida com quatro pavimentos (porão e sótão), banheiros interessantíssimos, duchas em formato de esferas cortadas ao meio, deixavam cair água, paredes crivadas de azulejos com pó de ouro, uma estamparia sobreposta. Entendi que a família do Governador detém a posse da propriedade ocupada como residência de praia, a qual passará a outrem próximo do poder. Capaz de abrir os olhos observei o mobiliário atirado para um lado e outro, cadeiras, poltronas, camas, os criados ouviam rádio alto, conversavam entre si. Do grande hall (fig. 3), percebi as portas e os espaços interligados. Não tinha o ar de ninguém. É, de ninguém. Enquanto um helicóptero sobrevoava, terminei a tempo de pegar a barca que vinha pela segunda vez de Paquetá para Pancaraíba. Do trampolim para água, só quem nada bem pode se banhar à sua medida. Arrumei as malas no dia da partida, a travessia demorou uma hora e vinte minutos, mais um pouco em direção ao ônibus na Praça XV. Custei a dormir, minha cabeça rolava de um lado para outro, conhecendo a evidência da estrada terrível.

Desenhos no verso de rótulos

Coisas que nada têm em comum.

O verão e o inverno. A noite e o dia. Um dia de chuva e um dia de sol. Uma pessoa que ri e uma pessoa que se enraivece. O velho e o jovem.

O branco e o preto. A pessoa amada e a odiada. Ainda que se trate da mesma pessoa, quando é querida ou não, parece completamente diferente.

O fogo e a água. Um gordo e um magro. Uma pessoa de cabelos compridos e outra de cabelos curtos. (SHÔNAGON, 2013, p.151)



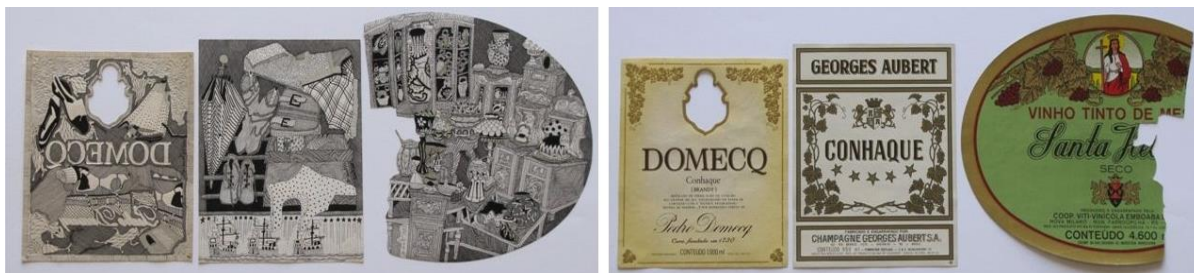
THOMAZ, D. *Diário gráfico: quarto onde dormi (viagem a Itajaí)*, 1984, 15,4 x 11 cm
Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Wodka Wodskaya* (impressão em vermelho, azul, dourado, preto, sobre papel branco; bordas retas, cantoneiras arredondadas; doação Imprensa Paranaense, 1984)

Diário gráfico (viagem a Curitiba), 1984, 11,8 x 11,5 cm

Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Campari Bitter* (impressão em verde, azul, dourado, sobre papel branco; bordas retas; doação Impressora Paranaense, 1984)

Diário gráfico: quarto onde dormi (viagem a Curitiba), 1984, 13,8 x 11 cm

Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Katz Wein* (impressão de paisagem colorida com frisos dourados, letras pretas e amarelas sobre papel branco, bordas recortadas; doação Impressora Paranaense, 1984)



THOMAZ, D. *Diário gráfico: quarto onde dormi (viagem ao Rio de Janeiro)*, 1985, 13,1 x 11,3 cm
Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Domecq Cognaque Brandy* (impressão em marrom, amarelo, dourado. Relevo e recorte no miolo; bordas retas; doação Impressora Paranaense, 1984)

Diário gráfico: quarto onde dormi (viagem à Curitiba), 1985, 14 x 11,1 cm

Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Conhaque Georges Aubert* (impressão em dourado, preto, sobre papel branco; bordas retas; doação Impressora Paranaense, 1984)

Diário gráfico: quarto onde dormi (viagem à Curitiba), 1985, 21 x 15,8 cm

Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Vinho Tinto de Mesa Santa Helena* (impressão em verde, vermelho, rosa, amarelo, dourado, preto, sobre papel branco; borda oval; doação Impressora Paranaense, 1984)



THOMAZ, D. *Diário gráfico: quarto onde dormi (viagem a Curitiba)*, 1986, 13,6 x 11 cm
Desenho a nanquim, guache prata no verso de rótulo *Vinho tinto de mesa Termidor Cabernet* (impressão em verde, preto sobre papel branco; relevo; doação Impressora Paranaense, 1984)

Diário gráfico: camarim do Guairinha (viagem a Curitiba), 1986

Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Edelwein Tipo Mosel* (impressão de paisagem colorida com frisos dourados, letras pretas e douradas; relevo; doação Impressora Paranaense, 1984)

Diário gráfico (viagem a São Mateus), 1986, 9,8 x 13,4 cm

Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Bernard Taillan* (impressão de escudo em vermelho dourado, preto, com frisos dourados, letras pretas e douradas, sobre papel branco; doação Impressora Paranaense, 1984)

Diário gráfico: quarto onde dormi (viagem a Videira), 1988, 21,8 x 16,2 cm

Desenho a nanquim, guache prata, no verso de rótulo *Vinho Tinto de Mesa Sangue de Boi* (impressão colorida com frisos dourados, letras vermelhas, pretas, douradas sobre papel branco; doação Impressora Paranaense, 1984)

Montagem da microexposição

Esta novidade deu início à investigação do processo do *Projeto Indústria*, o que levou à revisão de agendas, arquivos, para simplificar a apresentação dos dados preexistentes, exigindo resultados estritamente a expor. O *Diário gráfico*, do ponto de vista poético, é uma coleção de desenhos feitos no verso de cartongens (figs. 1 e 2, fig. 3), máscaras (fig. 7), rótulos (fig. 4, fig. 5, fig. 6, fig. 8, fig. 9), nas condições materiais das coletas em diversas fontes, usados como folhas avulsas nas minhas viagens pelo Brasil, desde os anos 80.

É verdade que não é com assiduidade que faço perguntas sobre a técnica da litografia que aprendi com artista Danúbio Gonçalves e o impressor Nelcindo da Rosa no Atelier Livre⁶, é mais próxima do desenho, repulsa entre água (partes brancas) e gordura (partes pretas), resulta da preparação química da pedra, com ácido e goma arábica. O equipamento para a impressão indireta em *offset* (princípio da litografia combinado com a fotografia) substituiu as máquinas litográficas movidas a motor, posteriores ao “prelo mecânico”. Esta expressão significa “em impressão” manual após a elaboração do croqui, do desenho, do escrito de lápis de cera ou rolo de tinta graxenta e pano úmido com água, feitos ao contrário, diretos sobre duríssimas superfícies de calcários para reprodução de imagens gráficas no papel. Pedras litográficas e exemplares da representação de alguma coisa concreta em rótulos da histórica Imprensa Paranaense, desativada, passaram a fazer parte do acervo do Museu Paranaense (MP). Interessada em doar o raro restante que não foi usado, retomei os desenhos guardados por tantos anos, descobrindo falências sobre a perspectiva e a tipologia. A litografia foi inventada por Aloys Senefelder (1771–1834), quando procurava editar seus textos economicamente, escreveu um tratado em alemão, traduzido para o inglês e francês.

Os objetos para a vitrine correspondem às concreções de *insights* decorrentes da experiência anterior com o aproveitamento de unidades das tiragens de impressões em papel, do desenho para a serigrafia sobre látex (balões, 1983), madeira (cilindros, 1987) e tecido (lenços, 1990), litografia sobre folha-de-flandres (latas, 1985), consideradas como gravuras, a partir dos arquétipos encontrados nas esteiras das indústrias brasileiras visitadas. Tais objetos de que se trata instigaram a

criação de arte vestível, usada em cena-muda e performance, conjunto reconhecido por meio de um singular projeto curatorial, de gestão do Acervo Artístico do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS, 2011–2014), referência para reapresentações e limites na exatidão a transpor, registros, arquivamentos justificados, momento para questioná-los. Mostrados como altos relevos sobre as publicações em catálogos e folders expositivos que são demonstrativos de percurso artístico, em importante diálogo interinstitucional com a série *Caixas dispersas* pertencentes ao acervo do Museu da Gravura Cidade de Curitiba (MGCC) e o público no Museu Oscar Niemeyer, chamado Olho.

Desenhos doentes no verso de máscaras e de rótulos

Os *Desenhos doentes* (fig. 7, fig. 8, fig. 9) são aqueles que apresentam sujidade generalizada, papel amarelado e acidificado, furos, manchas que os debilitam e os diferenciam dos demais sadios, enfim, a falência da matéria-prima com a qual foram compostos sob os efeitos da climatização. Cheirinho de mofo. Dialéticos, permitem a penetração em seu interior e por isso avançam melhor na polaridade da expressão e da comunicação.



THOMAZ, Thomaz. *Diário gráfico: quarto onde dormi*. Itajaí, 1984, dimensões variáveis.
 Desenho a nanquim, guache prata, perfurações com agulhas, costuras com fio dental no verso da máscara da *Margarida*

Diário gráfico: quarto onde dormi. Curitiba PR, 1984, dimensões variáveis.
 Desenho a nanquim, guache prata, perfurações com agulhas e costuras com fio dental no verso da máscara do *Pato Donald*



THOMAZ, Thomaz. *Diário gráfico: camarim do Grande Circo Místico no Teatro Guaíra*. Curitiba, 1986, 13,1 x 21,1 cm. Desenho a nanquim, guache prata e cinza fosco, perfurações com agulhas no verso do rótulo *Macieira Brandy* (impressão em preto e dourado sobre papel branco; bordas recortadas; doação Impressora Paranaense, 1984)



THOMAZ, Thomaz. *Diário gráfico: quarto onde dormi (viagem a Manaus)*, 1987, 20,8 x 12 cm. Desenho a nanquim, guache prata e cinza fosco, perfurações com agulhas, no verso do rótulo *Bernard Taillan* (impressão em vermelho, dourado, preto, sobre papel branco; bordas retas; doação Impressora Paranaense, 1984)

Simulação

A simulação da Oficina com os monitores provocou questionamentos extraescolares sobre a linguagem da visão sem perder o rumo, com os próprios olhos no design disperso na bigue sala, esbarrando no caráter orgânico das esculturas ao ar livre, enquanto desenhavam no suporte de folhas de papel jornal. Se desenhar de observação pode gerar outros desenhos com o prolongamento dos dedos, abrir perspectivas de formas, aparências, sobre as quais alguma coisa se apresenta? É ou não interessante o ambiente conhecido e mais próximo? O desconhecido que escapa ao habitual motivaria uma ideia, a metamorfose da ideia? Tais hesitações, indagações, merecem dialética de oposição, da tese e antítese, uma síntese conciliatória? No fac-símile de 1954, *Transformações (Piktors verwandlungen)*, Hesse traz a ideia da “bipolaridade da unidade”, sentimento, pressuposto das coisas vivas expressadas em contornos, esse poderia ser um objetivo comum. Em *Caminhada (Wanderung)*, o autor escreve: “em meu livro de apontamentos eu desenho a casa, e os meus olhos vão se despedindo” (HESSE, 1920, p. 9), traz uma frase de Novalis: “Para onde caminhamos sempre? Para casa!” (HESSE, p. 12). O Oriente. Nômade infiel, o autor carregou consigo o coração porque precisava dele, longe do desfiladeiro, da aldeia a caminho da ponte, do tempo instável, do descanso que desperta o novo, do lago, árvore, montanha, no ativo do viajante por desvios. Em *Viagem ao Oriente (Die Morgenlandfahrt)*, penetrou no próprio da Terra, começada com um pesado grão de poeira que passou a girar ao redor do sol sem parar mais, separada no espaço, terreno da irrealidade em remota jornada mística, referindo o absurdo do esquecimento humano, o que buscava? Em meio agourento sobre o fim do mundo após a Grande Guerra, em expedição ao raio de luz, milagre, foi impelido pelo desejo de ver a “Princesa Fátima e, se possível, conquistar seu amor” (HESSE, 1971, p. 9).

Estariam os jovens monitores sondando um acordo radical entre a realidade observada e a representação da imagem numa economia de silhuetas ao alcance maravilhoso da mão dobrável ao cérebro? Um breve conflito cotidiano, a respeito da singularidade de interesses no modo de validação da memória, transpareceu da aproximação fenomenológica na ambiência cultural. É de se pensar na fidelidade do

autopacto autobiográfico (narrativa ficcional / relato de vida), de outros pactos propostos por Philippe Lejeune para a escritura pessoal, leitura, releitura, crítica.

O meu “fuado”

Durante a última oficina do primeiro domingo ocorreu de T. desenhar com tanta fúria que o papel acabou furado o que lhe provocou um choro copioso de vergonha e contrariedade. Foi então que me ocorreu fazer exercícios de paralaxe mostrando como olhar por um buraco, abrindo um olho e fechando o outro, assim por diante do ponto de observação. T. parou de chorar, de propósito fez furo em outro desenho pessoal designando “o meu fuado” para outras medidas de distância, mas nada disse sobre os deslocamentos aparentes.

Inconclusões

No *Diário de Moscou* (*Moskauer Tagebuch*), Walter Benjamin acrescenta outras regras de ouro para escrever um artigo jornalístico, o qual deve “conter o maior número possível de nomes; 2) A primeira e última frases devem ser boas, o meio não importa; 3) Deve-se aproveitar associações e fantasias que um nome suscita como pano de fundo para a descrição que irá apresentá-lo como realmente é.” (BENJAMIN, 1989, p. 33). Adiante, Benjamin escreve a respeito da história de sua bagagem pela alfândega de Moscou, fixando mais profundamente “a velha máxima de viagem”, ou seja, “jamais siga o conselho de alguém que o deu sem ser solicitado.” (BENJAMIN, 1989, p. 130).

O material sério que não pode ser classificado como infantil é a chave para a compreensão da oficina *Projeto indústria: desenho gráfico – desenho de observação em viagem*, oferecida para fazer próximos os interesses distantes desta atividade comunicativa, iluminar *insights*. O que significa “material sério”? É a escolha do que foi conservado e não se mostra descolado da experiência prolongada e madura na microexposição&vitrine, como um referencial das soluções que apareceram com o tempo. Foi preciso saber esperar sem o menor esforço, no lócus da prática artística, no empenho científico de exploração do cotidiano aqui suprimido, mas não falseado, inclino-me a esclarecer: as *Cartas abissínicas* (*Lettres d’Abyssinie*), de Arthur Rimbaud, merecem uma leitura para que não seja esquecido.

Notas

¹ A oficina artística *Projeto indústria: diário gráfico – desenho de observação em viagem*, no programa *Artista do Acervo MON* para grupos interagentes, desenvolveu-se como *Ação Educativa* (Subsolo) em parceria com o *Centro de Documentação e Pesquisa*, nos primeiros domingos dos meses de junho e julho de 2015, às 14h, 15h15 e 16h30. De frente para o *Pátio das esculturas* expostas em caráter permanente, nesse espaço é permitido o toque nas obras dos artistas Amélia Toledo, Ângelo Venosa, Bruno Giorgi, Emanuel Araújo, Erbo Stenzel, Marcos Coelho Benjamin, Sérvulo Esmeraldo, Tomie Ohtake, Oscar Niemeyer. In: Memorial de pesquisa: Arquivo Didonet Thomaz.

O *Projeto indústria: diário gráfico – desenho de observação em viagem* foi marcado por experiências artísticas concomitantes, juntando conteúdos às técnicas. A saber:

I. *Projeto Museu vai à indústria*. Exposição coletiva 1977/1978. Em promoção conjunta com o Serviço Social da Indústria (SESI), o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), itinerante por sete indústrias da Grande Porto Alegre: Aços Finos Piratini (3.500 operários), Cia. Souza Cruz (800 operários), Embratel (120 operários), Termolar (1.000 operários), Cia. Carris Porto Alegrense (1.300 operários), Bojunga Dias - S. A. (300 operários), Derby (150 operários). Palavras-chave: Desenho. Xilogravura. Gravura em metal. Litografia. Serigrafia. Participantes: desenhistas, Alice Soares, Ilsa Monteiro, Plínio Bernhardt, João Luiz Roth, Vera Lucia Didonet; xilógrafos Armando Almeida, Anestor Tavares, Jair Dias, Eduardo Cruz, Nelson Elwanger; gravadores em metal Maria Inês Kliemann, Paulo Peres, Carlos Athanázio, Antônio Carlos Maciel, Maria Tomaselli Cirne Lima; litógrafos Danúbio Gonçalves, Carlos Carrion de Brito Velho, Helena Maya D'Ávila; serígrafos Rubens Costa Cabral, Luiz Fernando Barth, Léo Dexheimer, Glauco Pinto de Moraes, Circe Saldanha, Doralice Neves.

II. Curso de Extensão Universitária sobre *Desenho, a linguagem da visão*, ministrado pela Prof^a Dr^a Pamela Marley Barr. Departamento de Artes Visuais (PPGAV), Instituto de Artes (IA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 29 nov. a 21 dez. 1977. Participantes: Ana Amélia Metsavaht, Ana Isabel Lovatto, Angela Karl, Astrid Hermann, Carmen Barth, Didonet, Eduardo Vieira da Cunha, Elisabeth Schaeffer, Heloisa Schneiders da Silva, Iara Larentis Salami, Ilsa Monteiro, Isabel Alencar de Castro, Joaquim da Fonseca, Luranita Schertel, Margareth Link, Maria Beatriz Caruso, Maria Esther Mussoy, Maria Helena Salle, Maria Luisa Carvalho da Rocha, Maria Teresa Gavioli, Mario Maina, Nélide Cassacia Bertolucci, Nilda Ludwig, Regina Maria Scalón, Romanita Martins, Sandra Rey, Tunuca, Vera Braconnot Soares. Em janeiro de 1978 continuaram a ser desenvolvidos os cinco problemas (interesses básicos) de desenho em ligação uns com os outros: linha (qualidade/expressividade), forma, espaço em branco/forma (luz/sombra, figura/superfície) composição (totalidade/parcialidade, parte/todo) e superfície (textural/toque (efeitos e importância), marca/vazio), tema (mito/fantasia/sonho/social), resolução da experiência nos jardins da casa da Professora.

III. Curso de Extensão Universitária sobre *Desenho*, ministrado pelo Prof. Dr. José Alberto Nemer. 12º Festival de Inverno, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, de 02 a 29 de julho de 1978. Conselho de Extensão, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). In: Memorial de pesquisa: Arquivo Didonet Thomaz.

² A cargo do setor de Acervo e Conservação foi indicada para visita à exposição coletiva *Acervo MON – Aquisições 2013-2014*, na Sala 7, com obras fundamentais para a compreensão da microexposição *Projeto indústria: diário gráfico – desenho de observação em viagem*. A saber:

Ficha Técnica: *Diário gráfico (viagem a Ribeirão Preto)*, 1983, 24x50cm. Montagem com desenho a nanquim no verso de cartanagem *Kopenhagen chocolate com leite*. (embalagem industrial, ilhoses, ganchos, em caixa III de madeira e vidro), 34x60x3,7cm. Registro 1053 AAM 1/3 / MON 4776 1/3. 2014.

Ficha Técnica: *Diário gráfico (viagem a Bebedouro)*, 1983, 34x44cm. Montagem com desenho a nanquim, guache, no verso de cartanagem *Coleção de jogos Walt Disney* (embalagem industrial, ilhoses, ganchos, em caixa I de madeira e vidro), 43,5x54x3,7cm. Registro 1053 AAM 2/3 / MON 4776 2/3. 2014.

Ficha Técnica: *Diário gráfico (viagem a Dumont)*, 1983, 22,5x18,2cm. Montagem com desenho a nanquim no verso de cartanagem *Golding chocolates Kopenhagen* (embalagem industrial, ilhoses, ganchos, em caixa II de madeira e vidro), 31,5x26,7x3,7cm. Registro 1053 AAM 3/3 / MON 4776 3/3. 2014.

³ Referência vaga do clássico da ficção científica *Uma sombra passou por aqui*, de Ray Brabury (*The illustrated man*), 1951.

⁴ A Imprensa Paranaense nasceu em 1853, durante a criação da Província do Paraná. Fundada pelo industrial Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, a firma ligava a litografia às atividades dos ervateiros, em três categorias profissionais, letrista, cromista, gravador, os quais faziam os rótulos para barricas identificando o engenho, marca, tipo (1892-1921). A partir de 1880 o serviço passou a usar prelo mecânico, viabilizando revistas, livros e jornais como o *Dezenove de Dezembro*, em Curitiba.

⁵ THOMAZ, D. Cenas poéticas do teatro monótono: visita ao filósofo, visita ao boticário, visita ao animador. In: *Nicolau*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura; Secretaria de Estado da Comunicação Social; Imprensa Oficial, dez. 1993, ano VIII, v. 51, p. 18.

⁶ Com certa assiduidade fui ao *Atelier Livre* da Prefeitura, localizado na Rua Lobo da Costa, 281, em Porto Alegre, 1977.

⁷ Créditos. Ana Tonetto: tradução do português-inglês. Antônia Schwinden: preparação dos originais. José Francisco Kuzma: tecnologia da informação. Karina Marques Canha: Setor Educativo MON e Humberto Imbrunzio: Setor de Acervo e Conservação MON, sob a Direção de Estela Sandrini.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Diário de Moscou*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HESSE, Hermann. *Viagem ao Oriente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, 107p.

HESSE, Hermann. *Transformações*. Fac-símile. Rio de Janeiro: Record, 1954, 100p.

HESSE, Hermann. *Caminhada*. Rio de Janeiro: Record, 1920, 119p.

KLEE, Paul. *Diários: III. Viagem de estudos à Tunísia*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, 464p.

RIMBAUD, Arthur. *Cartas abissínicas 1880-1891*. Barcelona: Tusquets, 1980, 128p.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "O esplendor das coisas": o diário como memória do presente na *Moscou* de Walter Benjamin. In: *Escritos 3 Revista do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa*. Ano 3, n. 3. Rio de Janeiro, 2009, 25p.

SHÔNAGON, Sei. *O livro do travesseiro*. São Paulo: Editora 34, 2013, 616p.

SPENCE, Jonathan D. *O palácio da memória de Matteo Ricci: história de uma viagem: da Europa da Contra-Reforma à China da dinastia Ming*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 360p.

Vera Lucia Didonet Thomaz

Artista plástica. Doutora em Tecnologia (PPGTE/UTFPR, 2015), com experiência em processos de criação, atuando nas relações poético-visuais contemporâneas.